

Estudo sobre as teses de ginecologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1918 e 1930

A study on Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo
gynaecology undergraduate theses, 1918-1930

Ana Paula Santos

Universidade de São Paulo

Graduada em História

anapaulagsantos6@gmail.com

Recebido em: 10/04/2021

Aprovado em: 02/06/2021

Resumo: Este artigo se insere no campo de estudos sobre a constituição do ensino médico público em São Paulo e, mais especificamente, da ginecologia paulista no início do século XX. Reconhecendo a produção discente como parte importante da produção científica do período, realizei uma pesquisa no catálogo de teses da *Faculdade de Medicina de São Paulo* da *Universidade de São Paulo (dedalus)*¹, o qual disponibiliza informações acerca das teses de fim de curso produzidas entre 1918 e 1930. Apresentarei os resultados desse levantamento com o intuito de oferecer uma contribuição aos estudos acerca do curso médico na *Faculdade de Medicina de São Paulo* e da constituição da ginecologia, sendo esta um componente obrigatório da graduação médica. Sobre a cadeira ginecológica, pretendo evidenciar quais eram os eixos de pesquisa mais procurados pelos médicos em suas teses e se os mesmos dialogavam com os problemas de saúde que acometiam a população feminina da capital paulista. Para tanto, realizei o cruzamento dos dados obtidos com informações presentes nos Anuários Estatísticos e Demográficos do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Teses médicas; Ginecologia; Anuários Estatísticos

Abstract: This article aims to contribute to the history of medical teaching in São Paulo, focusing on academic productions in gynecology in the early 20th century in São Paulo. In order to do this, academic theses were analyzed as important sources to understand the scientific production at that time. I have researched the thesis database from Faculdade de Medicina de São Paulo, of Universidade de São Paulo (available on Universidade de São Paulo's website Dedalus), which provides information about the undergraduate theses produced between 1918 and 1930. The results presented in this article aim to contribute to the studies about the medical course of Faculdade de Medicina de São Paulo and the constitution of gynecology as a mandatory discipline of medical graduation. In analyzing the field of gynecology, I intend to demonstrate which research themes were chosen by medical students and understand if those studies dialogued with common health issues faced by women who lived in São Paulo. Thus, I simultaneously analyzed the theses and the information from statistical and demographic yearbook, produced by the authorities of São Paulo state.

¹ Catálogo disponível através do endereço: <http://dedalus.usp.br/>.

Introdução

Inaugurada em 1912 sob a direção de Arnaldo Vieira de Carvalho, a *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*² marcou a efetivação do projeto de criação de um ensino médico público no estado, sendo que a proposta para a sua criação já havia sido aprovada em 1891. A efetivação desse projeto está atrelada às necessidades e demandas da população paulista no início do século XX. Com o crescimento populacional, impulsionado, sobretudo, pela chegada de imigrantes europeus, e consequentemente o aumento dos problemas relacionados a saúde e condições sanitárias da população, a criação de instituições e outros aparatos para atender a essas demandas tornou-se imprescindível. Dessa forma, o ensino médico em São Paulo estava inserido no âmbito das preocupações das elites paulistas que, visando a formação de um corpo especializado para atuar nas novas instituições de saúde e sanitárias, mobilizaram-se em favor da criação da *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo* (SILVA, 2014).

Tendo em vista a importância que o curso médico público adquiriu no projeto de modernização e progresso da capital encabeçado pelas elites paulistas, procurei realizar um estudo sobre a formação das primeiras turmas médicas da faculdade, particularmente entre 1918 e 1930, através do levantamento de dados disponíveis no catálogo digital de teses da *Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (dedalus)*³ e da consulta à bibliografia sobre o tema. Procurei, dessa forma, evidenciar algumas características dos anos inaugurais do curso médico em São Paulo, a saber: como o curso estava estruturado, ou seja, quais as disciplinas que compunham a grade curricular, o número de alunos e alunas formadas e de teses defendidas nesse período e quais foram as cadeiras médicas mais procuradas pelo corpo discente.

No que concerne à cadeira de ginecologia, pretendi mostrar como a mesma estava posicionada em relação as outras áreas, quem eram os primeiros docentes e médicos auxiliares atuantes, e quais eram os eixos de pesquisa abordados pelos médicos quando tratavam dos assuntos relacionados ao

² Em 1926 a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo passou a se chamar Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP).

³ Atualmente as teses de doutoramento encontram-se na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Através do banco digital (*dedalus*), é possível ter acesso à informações como: título da tese, autor, ano de elaboração, especialidade médica, número de páginas, entre outras.

corpo feminino. Para além dessas constatações, elaborei uma relação entre a produção médico acadêmica e os principais problemas de saúde que acometiam as mulheres na capital paulista. Essa relação se tornou possível por meio do comparativo entre os temas trabalhados nas teses de fim de curso pelos médicos, e os principais problemas de saúde que levavam as mulheres a óbito presentes nos Anuários Estatísticos e Demográficos do Estado de São Paulo de 1918, 1921, 1924 e 1927.

Considero que o levantamento desses dados, articulados com a bibliografia sobre o tema, seja relevante no sentido de oferecer mais informações acerca dos anos iniciais da *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*, desde o início do curso médico em 1913, até o ano de 1930. Além disso, as informações acerca do curso ginecológico em São Paulo poderão compor novas pesquisas relacionadas aos cuidados médicos para com o corpo feminino.

Os primeiros anos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

Tendo sido inaugurado em 1912, o primeiro ano do curso médico começou efetivamente em 1913 no edifício da Escola de Comércio Álvares Penteado, localizado no Largo do São Francisco. No ano seguinte, o curso foi transferido para a rua Brigadeiro Tobias, onde permaneceu até 1930. Algumas disciplinas não puderam ser ministradas no mesmo edifício, sendo transferidas para outras salas e unidades como foram os casos da clínica obstétrica, lecionada na Maternidade de São Paulo, e da ginecologia, lecionada na *Santa Casa de Misericórdia* da capital paulista (FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO, 1938, p. 20-26).

André Mota (2005) e Márcia Regina Barros da Silva (2014), ao analisarem os ofícios e relatórios enviados pelo primeiro diretor da faculdade, o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, evidenciaram que o início do curso médico nessa instituição foi marcado por algumas dificuldades. Nesses ofícios e relatórios, Arnaldo denunciava a falta de estrutura dos edifícios, o número excessivo de alunos na sala de aula, a ausência de alguns laboratórios essenciais para a prática médica e de uma biblioteca suficientemente equipada. Outro problema enfrentado pela faculdade se relacionava com a permanência dos alunos na *Santa Casa de Misericórdia*, também dirigida por Arnaldo. De acordo com o diretor, a instituição de saúde não possuía condições adequadas para continuar sediando as aulas práticas, fazendo-se cada vez mais necessário a criação de um hospital de clínicas que comportasse adequadamente o curso médico. Diante de tais dificuldades, em 1916, o diretor Arnaldo Vieira e a *Fundação Rockefeller* – instituição filantrópica norte-americana de atuação internacional para incentivo à pesquisa científica e à educação superior - iniciaram uma série de negociações a fim de implantar

algumas mudanças na organização e estruturação do curso (FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO, 1938, p. 26-29).

Dessa forma, a *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo* iniciou suas atividades contando, primeiramente, com um curso preliminar de duração de 1 ano, onde os alunos cursariam as disciplinas preparatórias de física médica, química médica e história natural médica. Aprovados no curso preliminar, seguiriam os estudos por mais 5 anos, totalizando ao final 28 cadeiras cursadas. O primeiro quadro de catedráticos da faculdade foi composto por meio de convocação direta do diretor e não por meio de concurso público, advindos, principalmente, da *Santa Casa de Misericórdia* ou da *Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*. A faculdade contou também com a presença de alguns docentes estrangeiros convidados a lecionarem algumas disciplinas do curso médico⁴.

Tabela 1: Distribuição das cadeiras médicas em 1913

⁴ O primeiro concurso público para catedrático ocorreu em 1919 (FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO, 1938).

1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
Física médica	Anatomia descritiva 1ª parte	Anatomia descritiva 2ª parte	Microbiologia	Patologia geral e experimental	Higiene
Química médica	Fisiologia 1ª parte	Fisiologia 2ª parte	Anatomia e histologia patológicas	Terapêutica experimental e clínica. Arte de formular	Medicina Legal
História natural médica	Farmacologia e matérias médicas	Histologia	Anatomia médico-cirúrgica	Clínica médica 2ª parte – Hospital	Clínica médica 3ª parte – História da medicina
-	-	Clínica dermatológica e siligráfica	Operações e aparelhos	Clínica cirúrgica 2ª cadeira – Hospital	Clínica ginecológica
-	-	Clínica otorrinolaringológica	Clínica médica 1ª parte	Clínica obstétrica – Hospital	Clínica psiquiátrica e moléstias nervosas
-	-	-	Patologia interna – Hospital	Clínica pediátrica. Puericultura	-
-	-	-	Clínica cirúrgica 1ª parte	-	-
-	-	-	Patologia externa – Hospital	-	-
-	-	-	Clínica oftalmológica – Hospital	-	-

Adaptado de SILVA (2014, p. 225-228).

A clínica ginecológica, desde o início da criação da faculdade, foi ministrada no último ano do curso médico, na enfermaria de mulheres da *Santa Casa de Misericórdia* da capital paulista. O primeiro docente a ocupar essa cadeira foi o próprio diretor Arnaldo Vieira. Seus primeiros assistentes foram os médicos José Ayres Neto, Egydio de Carvalho, Manuel Feliciano de Carvalho e Nazareno Orcesi. Com o falecimento de Arnaldo em 1921, o médico Nicolau de Moraes Barros passou a ocupar a cadeira de ginecologia como catedrático concursado. Para prestar assistência ao novo catedrático, foram convidados os médicos Hans Thomas Walter Erich Muller Carioba, Paulo de Godoy, Vicente Felix de Queiroz, Celso de Godoy e José Bonifácio Medina (MARINHO, 2012, p. 172-176).

Tal como apontado pela bibliografia sobre o tema (MOTA, 2005; SILVA, 2014), muitos docentes da faculdade ocupavam, ou já haviam ocupado, cargos na *Santa Casa de Misericórdia* ou em outras instituições de saúde de São Paulo como, por exemplo, a *Sociedade de Medicina e Cirurgia* (SMCSP), o *Instituto Bacteriológico*, o *Instituto Vacinogênico*, entre outros:

Tabela 2: Professores e assistentes das cadeiras de ginecologia e obstetrícia entre 1913 e 1930

Nome	Cargo	Outras instituições
Arnaldo Vieira de Carvalho	Diretor e catedrático da clínica ginecológica	SMCSP; Policlínica; Sociedade Médica Beneficente; Hospital Liga Nacionalista; Sociedade Eugênica de São Paulo; Santa Casa de Misericórdia
José Ayres Neto	Assistente da clínica Ginecológica	Hospital Liga Nacionalista; Santa Casa de Misericórdia
Nicolau de Moraes Barros	Catedrático da clínica ginecológica	SMCSP; Santa Casa de Misericórdia
Raul Carlos Briquet	Assistente da clínica obstétrica e catedrático da mesma clínica em 1925	Santa Casa de Misericórdia; Maternidade de São Paulo
Sylvio Azambuja de Oliva Maya	Catedrático da clínica obstétrica	SMCSP; Santa Casa de Misericórdia; Maternidade de São Paulo

Adaptado de SILVA (2014, p. 252-257).

Esses dados evidenciam como essa elite médica paulista estava presente e atuante em diversas instituições de saúde de São Paulo, sejam elas governamentais ou não, e, conseqüentemente, como essas instituições acabavam sendo conectadas através desses agentes. Em Silva (2014) é possível perceber que esse núcleo de médicos estava presente, inclusive, nos periódicos científicos ou encabeçando os congressos de medicina. Havia, contudo, uma certa aderência desses médicos em torno de temas e práticas em comum, como a medicina experimental, o que permitiu que muitos desses médicos pudessem ser convocados/indicados por seus pares a ocupar cargos diversos na área da saúde em São Paulo.

Somado a isso, constatei também a presença de médicos que se formaram pela *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo* ocupando o cargo de assistente das cadeiras médicas, como é o caso dos médicos Nazereno Orcesi, formado em 1919, José Bonifácio Medina, formado em 1923 e Vicent Felix de Godoy, formado em 1925, que se tornaram assistentes da clínica ginecológica. Esses dados revelam, sobretudo, uma das possibilidades de carreira dos médicos depois se formarem pela faculdade.

No caso de José Bonifácio Medina, ele aparece como orientador da tese de Vicente Felix de Godoy, mesmo não sendo catedrático. O mesmo ocorre com o médico estrangeiro Hans Thomas Walter Erich Muller Carioba que, não sendo catedrático da faculdade, também aparece como orientador da tese de Mario Marcondes dos Reis, em 1922. Esses dados podem indicar que, possivelmente, outros profissionais podiam orientar as teses de doutoramento e não apenas catedráticos. Entretanto, é necessário considerar que o termo “orientador” que aparece no catálogo de teses de doutoramento pode ter significados diferentes do que conhecemos como orientador de pesquisas.

Não está claro, até o presente momento, como o processo de escolha dos assistentes das cadeiras médicas funcionava no decorrer dos anos estudados; se havia um concurso ou prova ou quais os critérios de seleção para novos assistentes. Sabe-se, entretanto, que no caso dos catedráticos, a seleção para novos docentes passou a ocorrer mediante a prestação de um concurso público a partir de 1919. No entanto, verificou-se que alguns médicos contratados por meio de concurso público, como os médicos Alexandrino de Moraes Pedroso e Carmo Lordy, já desempenhavam funções na faculdade como substitutos e preparadores das cadeiras de histologia e microbiologia e, no caso de Carmo Lordy, também anatomia e histologia patológica (SILVA, 2014). Um dado relevante é que no período estudado, entre 1918 e 1930, nenhuma médica chegou a ocupar o cargo de catedrática ou assistente na faculdade, indicando que esse espaço científico era majoritariamente masculino.

Turmas formadas entre 1918 e 1930

A busca empreendida através do banco de dados da USP (*dedalus*), complementada com materiais secundários para o preenchimento de algumas lacunas⁵, permitiu verificar quantas turmas se formaram entre 1918 e 1930 e quantos médicos e médicas haviam se formado nesse período. Além disso, pude verificar também o volume de teses defendidas e as áreas que despertavam maior interesse por parte dos estudantes.

Entre os anos de 1918 e 1930, formaram-se ao todo 13 turmas médicas, com um total de 509 formados. Dos 509 alunos formados nesse período, pude identificar apenas 485 teses de fim de curso

⁵ Foram utilizados o catálogo de teses *New York Academy of Medicine Collection of International Medical Theses (UNC University Libraries)*, que disponibiliza informações básicas de teses de diversas faculdades em diferentes períodos; as listas de teses presentes em alguns números da *Revista de Medicina* (Organizada pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz da Faculdade de Medicina de São Paulo); o livro *As 100 turmas da Faculdade de Medicina da USP* (BACCALÁ, et all. 2012) e o levantamento das teses de doutoramento efetuado por Beatriz Lopes Porto Verzolla (2017, p. 190-192).

catalogadas no banco de dados da USP. A ausência desses materiais no banco de dados pode indicar, a princípio, que tais documentos possam ter se perdido com o tempo ou que não foram catalogados ainda.

Tabela 3: Número de médicos formados por ano, entre 1918 e 1930

Ano de formação	Turma	Homens	Mulheres	Total	Teses encontradas e identificadas
1918	1	26	2	28	26
1919	2	32	0	32	31
1920	3	37	1	38	35
1921	4	21	0	21	19
1922	5	43	0	43	43
1923	6	33	1	34	34
1924	7	37	0	37	36
1925	8	45	0	45	44
1926	9	36	1	37	36
1927	10	47	1	48	45
1928	11	55	0	55	52
1929	12	44	1	45	42
1930	13	44	2	46	42
Total	13	500	9	509	485
Total de teses não encontradas					24

Tabela elaborada pela autora.

A admissão de alunos de ambos os sexos era permitida desde a inauguração da *Faculdade de Medicina*, entretanto, o número de mulheres matriculadas entre 1913 e 1930 era ainda pouco expressivo se comparado ao número de alunos homens, sendo 9 mulheres formadas para 500 homens formados.

Tabela 4: Número de médicas formadas entre 1918 e 1930

Ano de formação	Médica formada	Área de defesa da tese
1918	Délia Ferraz	Clínica oftalmológica
1918	Odette Nora de Azevedo Antunes	Pneumologia
1920	Carmen Escobar Pires	Clínica médica e propedêutica
1923	Amélia Pacheco	Clínica pediátrica
1926	Margarida de Camargo Barros	Clínica psiquiátrica

1927	Diva de Andrade	Farmacologia
1929	Leonor Sanchez Louzada	Clínica obstétrica
1930	Maria das Dores Xavier de Campos	Clínica obstétrica
1930	Ophelia dos Santos	Tese não identificada
Total de médicas formadas		9

Tabela elaborada pela autora.

Em relação às áreas de interesse das médicas formadas, foi possível verificar que se dedicaram às áreas da pediatria, obstetrícia, oftalmologia e pneumologia, não havendo predominância em uma área específica. É válido ressaltar que, ao menos no contexto de educação médica paulista até os anos 30, as mulheres não se inseriram formalmente na área ginecológica, embora existissem publicações por parte de médicas sobre esses temas nas revistas de medicina paulista (OLIVEIRA; SILVA, 2018).

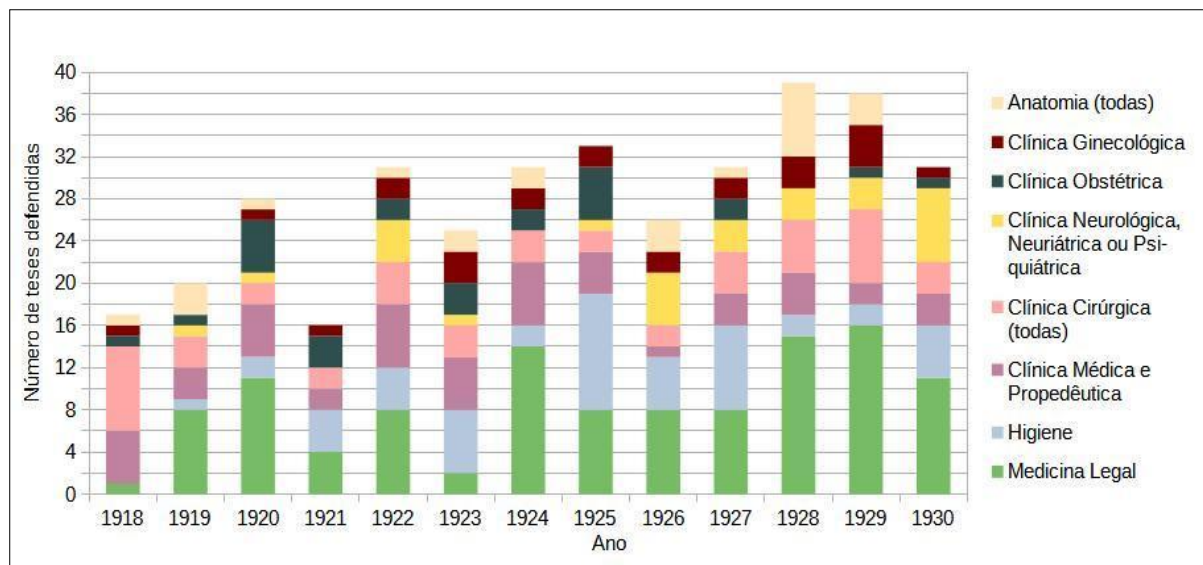
Quanto às áreas de maior interesse dos médicos, o levantamento de dados me permitiu constatar que a cadeira de Medicina Legal despertava grande interesse por partes dos alunos, sendo defendidas 114 teses nessa área (23,5 %). Em seguida, encontrava-se a cadeira de Higiene, com um total de 52 teses defendidas (10,2 %). As cadeiras de Clínica Médica e Propedêutica, também representavam cerca de 10% da produção discente.

Assim como as mulheres não estavam inseridas formalmente na área ginecológica, nas duas áreas de maior interesse dos médicos paulistas (Medicina Legal e Higiene), também não há registros de teses elaboradas por essas alunas. Sobre esse aspecto, o trabalho de Márcia R. B. Silva e Isabella Bonaventura de Oliveira (2018) enfatizou que, no início do século XX, havia um grande tabu em relação a atuação profissional das mulheres na medicina. De acordo com as autoras: *Tal aspecto decorreria tanto do status valorizado adquirido pela profissão no Brasil, quanto do perceptível problema de uma mulher entrar em contato com outros corpos e tê-los como objeto de trabalho e pesquisa* (2018, p. 4). Ainda segundo as autoras, diante da dificuldade para se inserir e permanecer na profissão médica, as mulheres haviam encontrado algumas áreas onde sua presença seria melhor aceita, como a pediatria e a própria ginecologia. Contudo, como apontando anteriormente, os dados levantados acerca da produção discente da *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo* entre 1918 e 1930, permitiram verificar que a seção ginecológica da faculdade era um espaço de atuação masculina.

Em relação à Cadeira de Clínica Ginecológica, foram identificadas 24 teses defendidas, o que equivale a aproximadamente 5 % do total. Esse número é pouco expressivo quando comparado as duas áreas de maior interesse do período, a Medicina Legal e a Higiene.

No gráfico a seguir, é possível observar como as teses estavam distribuídas de acordo com as áreas médicas:

Gráfico 1:



Distribuição das teses de acordo com as principais especialidades pretendidas em cada ano, entre 1918 e 1930. Gráfico elaborado pela autora.

De acordo com esse levantamento, pode constatar que os estudos relacionados ao corpo feminino e os problemas e questões que o envolvem, não ocuparam grande espaço nas discussões médicas na *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo* entre 1918 e 1930. Por sua vez, é válido notar a ausência de uma disciplina que se voltasse exclusivamente aos assuntos do aparelho reprodutor masculino e da sexualidade masculina, demonstrando que o homem, enquanto indivíduo pertencente ao sexo biológico masculino e com suas especificidades, não suscitava os mesmos interesses médicos do que a mulher.

Ao realizar o levantamento pelo banco de dados, me deparei, ainda, com 5 teses defendidas pela cadeira urológica. Entretanto, a consulta preliminar às capas das teses disponíveis nos materiais secundários, revelou que 2 teses catalogadas como urologia pertenciam, na realidade, às áreas de clínica cirúrgica e clínica obstétrica. Já as outras 3, por falta de mais informações, permaneceram sem a confirmação da especialidade médica a qual pertenciam. Embora os dados acerca dessas teses estejam

incompletos, foi possível constatar, por meio da leitura dos títulos de cada uma, que os 5 trabalhos abordavam assuntos relacionados aos problemas e tratamentos do trato urinário sem distinção de sexos.⁶

Esses dados permitiram constatar que, se por um lado os órgãos reprodutores femininos despertavam algum interesse médico, por outro lado, os problemas relacionados especificamente ao sistema reprodutor ou à sexualidade masculina pouco apareciam nas teses. Isso ficou claro a partir da constatação de que, ao menos no período analisado, há registro de apenas uma tese de doutoramento sobre a próstata, defendida pela cadeira de clínica cirúrgica (*Prostectomia transvesical: meios de favorecer a prognose*, de Waldemar Barnsley Pessoa, 1921).

Sobre esse aspecto, Fabíola Rohden em seu trabalho sobre a criação de uma ciência da mulher, chamou atenção para a questão da desigualdade na atenção médica prestada a cada um dos sexos. Ao analisar os principais assuntos relacionados a sexualidade e reprodução nas teses produzidas pela *Faculdade do Rio de Janeiro* entre 1833 e 1940, a autora identificou 56 teses sobre o sistema reprodutor masculino de um total de 1350, sendo a maioria sobre tumores e outros problemas de próstata (ROHDEN, p. 112).

Teses defendidas na Clínica Ginecológica

Tendo constatado o volume de teses defendidas na clínica ginecológica, realizei a leitura preliminar dos títulos de todas as teses da área a fim de identificar quais eram os eixos de pesquisa de maior interesse dos médicos formados entre 1918 e 1930, conforme mostro na tabela a seguir:

Tabela 5: Teses de ginecologia agrupadas por eixos de pesquisa, entre 1918 e 1930

Eixos de pesquisa	Número de teses
Corpo feminino e processos fisiológicos	1
Propedêutica ginecológica	4
Enfermidades ginecológicas	5
Tratamentos ginecológicos	9
Cuidados pós-operatórios	2

⁶ A cadeira de urologia fora inaugurada somente em 1931, ocupada na ocasião pelo médico Luciano Gualberto, o que pode significar que as teses citadas foram defendidas pela urologia antes mesmo de existir uma cadeira específica para esses estudos, ou então, que elas pertenciam a outras áreas médicas. Independente de qual seja o caso, os títulos dos trabalhos indicam que os estudos sobre urologia eram desenvolvidos na Faculdade de Medicina de São Paulo no período estudado, não estando atrelados necessariamente à cadeira médica.

Esterilização feminina	2
Outros assuntos	1
<hr/>	
Total	24
<hr/>	

Tabela elaborada pela autora.

Com base nesses agrupamentos, constatei que, embora os médicos tenham se dedicado a diversos estudos nesse campo como, por exemplo, investigações acerca da presença de tumores no útero e nos ovários, a ocorrência de prolapso uterino, entre outros, havia uma predileção pelos temas relacionados aos tratamentos ginecológicos, principalmente os que envolviam técnicas cirúrgicas. Das 24 teses de doutoramento defendidas pela cadeira ginecológica, 9 versaram sobre os tratamentos ginecológicos e, dessas 9 teses, 6 correspondiam aos tratamentos ginecológicos cirúrgicos. Em contrapartida, o eixo de pesquisa sobre o corpo feminino e seus processos fisiológicos não despertaram o mesmo interesse dos médicos paulistas, evidenciando a predileção desse núcleo de especialistas por algumas áreas em detrimento de outras.

É possível relacionar o interesse dos médicos paulistas pelos procedimentos cirúrgicos à proximidade existente entre os tratamentos ginecológicos e as práticas cirúrgicas no processo de constituição da especialidade ginecológica. De acordo com a bibliografia sobre o tema, a partir do século XIX, com o avanço técnico e científico na área médica, a prática cirúrgica havia se tornado mais popular, principalmente porque conferia ao operado/a maior segurança devido, principalmente, ao desenvolvimento de conhecimentos sobre assepsia e higiene. No que concerne ao corpo feminino, a prática cirúrgica havia se tornado uma aliada dos médicos na condução dos partos. Os obstetras, enquanto atuavam na promoção dos cuidados em relação ao corpo feminino durante o período gestacional, por extensão, acabaram por produzir um conjunto de conhecimentos sobre a mulher e sobre alguns problemas que a afetavam atuando, inclusive, em cirurgias ginecológicas. Tal processo propiciou a construção de um conjunto de saberes específicos que viriam a constituir um campo médico independente e especializado em tratamentos ginecológicos (MARTINS, 2004; ROHDEN, 2009).

De acordo com Ana Paula Vosne Martins (2004), essa proximidade entre a ginecologia e os procedimentos cirúrgicos esteve presente também nos alguns debates médicos do século XIX. De acordo com a autora, muitos médicos questionavam a escolha de alguns profissionais pelos tratamentos cirúrgicos em detrimento de uma abordagem não invasiva, denunciando os excessos cometidos pela

classe. Para alguns profissionais, a ginecologia deveria atuar no campo da prevenção de doenças, enquanto para outros, o intervencionismo cirúrgico se mostrava o grande aliado no tratamento de diversos problemas femininos.

Para além dessa proximidade, levanto também a possibilidade de a cadeira ginecológica ter sido orientada nessa direção em decorrência das trajetórias profissionais de seus catedráticos Arnaldo Vieira de Carvalho e Nicolau de Moraes Barros. Como ressaltado em suas biografias, tanto Arnaldo, quanto Moraes Barros, haviam sido médicos cirurgiões na *Santa Casa de Misericórdia da Capital* antes de ocupar os cargos como catedráticos (Begliomini, [s.d.]; Andreoni, [s.d.]).

Como visto anteriormente, a disciplina de clínica ginecológica da *Faculdade de Medicina* foi ministrada na enfermaria de mulheres da *Santa Casa de Misericórdia da Capital*, local responsável pela maior parte dos atendimentos à população da região no período estudado. Por essa razão, os alunos da disciplina estavam constantemente em contato com os casos atendidos na enfermaria, os quais serviriam de base para a formulação de grande parte das teses de doutoramento.

Com o intuito de estabelecer uma relação entre os conhecimentos desenvolvidos na *Faculdade de Medicina de São Paulo* entre 1918 e 1930, e os problemas que acometiam a população feminina na capital paulista, comparei os eixos de pesquisa das teses de fim de curso inseridas na área ginecológica e com as principais enfermidades gerais e ginecológicas que levavam as mulheres a óbito na capital. Esse comparativo foi possível por meio da consulta aos índices de mortalidade presentes nos Anuários Estatísticos e Demográficos de São Paulo, nos anos 1918, 1921, 1924 e 1927.

Os dados apresentados a seguir, permitem verificar os índices de mortalidade feminina de acordo com as principais enfermidades gerais constatadas na capital paulista, e com as enfermidades especificamente ginecológicas:

Tabela 6: Principais causas de óbitos da população na capital paulista de acordo com as enfermidades *

Principais grupos de enfermidades	1915		1918		1921		1924		1927	
	F	T	F	T	F	T	F	T	F	T
Afecções do aparelho digestivo (principalmente diarreia ou enterite)	1.071	2.192	1.321	2.726	1.361	2.904	1.608	3.502	1.607	3.580
Afecções do aparelho respiratório (principalmente gripes e pneumonias)	536	1.138	758	1.604	762	1.749	726	1.685	893	2.047

Afecções do aparelho circulatório	382	846	518	1.111	571	1.182	587	1.252	519	1.147
Moléstias mal definidas (enfermidades não especificadas)	-	-	128	272	382	851	542	1.184	398	947
Moléstias que acometem as mulheres (enfermidades ginecológicas)	43	-	39	-	50	-	79	-	145	-
Total	2.032	4.176	2.764	5.713	3.126	6.686	3.542	7.623	3.562	7.721
Total de óbitos femininos e masculinos considerando apenas os principais grupos enfermidades						31.919				
Total de óbitos gerais incluindo todas as enfermidades						60.951				

Tabela elaborada pela autora.

* Considere F: Total de óbitos entre a população feminina e T: Total de óbitos incluindo a população masculina e feminina.

De acordo com os dados obtidos por meio da consulta aos Anuários, as principais enfermidades que levavam a óbito na capital paulista nos anos estudados estavam relacionadas com o trato digestivo (21.872 óbitos no total), respiratório (11.898 óbitos no total) e sistema circulatório (8.115 óbitos no total). As moléstias mal definidas - não especificadas - também representavam uma parcela grande dos óbitos da população, totalizando 4.704 óbitos de 60.951 óbitos gerais na capital.⁷ Importante ressaltar que nos Anuários Demográficos e Estatísticos, estavam contabilizados os óbitos que ocorriam desde a primeira infância (de 1 a 2 anos de idade), portanto, algumas enfermidades estão mais atreladas a essa fase da vida, como, por exemplo, as afecções digestivas; da mesma maneira que as enfermidades ginecológicas acometiam em maior escala a população feminina adulta, mais especificamente entre 20 e 50 anos de idade.⁸

Os dados apresentados na sequência, permitem verificar que as enfermidades ginecológicas que levavam a população a óbito na capital paulista somavam 356 óbitos de 27.687 óbitos dentre a

⁷ As moléstias classificadas como moléstias gerais representam uma importante parcela dos óbitos da capital paulista, contudo, essa categoria englobava uma vasta quantidade de enfermidades, principalmente infecciosas, como, por exemplo, a febre tifoide, o tifo, a varíola, o sarampo, a tuberculose, a sífilis, entre outras. Dado a especificidade desta pesquisa, foram selecionados apenas os grupos de moléstias que mais levaram a população a óbito nos 5 anos estudados. Dado o recorte escolhido para a esta pesquisa, esses dados não puderam ser largamente analisados.

⁸ Os Anuários estudados fornecem uma série de dados acerca da mortalidade na capital paulista, incluindo índices de mortalidade divididos por moléstias, por idade, nacionalidade, sexo, estado civil e raça, dentre outros, que não foram contemplados nesta pesquisa.

população feminina e 60.951 óbitos no total (somando a população masculina e feminina e considerando todas as enfermidades). Além disso, verifica-se também quais as enfermidades ginecológicas que mais levavam essa parcela da população a óbito nos anos estudados:

Tabela 6: Principais causas de óbitos da população na capital paulista de acordo com as enfermidades *

Principais grupos de enfermidades	1915		1918		1921		1924		1927	
	F	T	F	T	F	T	F	T	F	T
Afecções do aparelho digestivo (principalmente diarreia ou enterite)	1.071	2.192	1.321	2.726	1.361	2.904	1.608	3.502	1.607	3.580
Afecções do aparelho respiratório (principalmente gripes e pneumonias)	536	1.138	758	1.604	762	1.749	726	1.685	893	2.047
Afecções do aparelho circulatório	382	846	518	1.111	571	1.182	587	1.252	519	1.147
Moléstias mal definidas (enfermidades não especificadas)	-	-	128	272	382	851	542	1.184	398	947
Moléstias que acometem as mulheres (enfermidades ginecológicas)	43	-	39	-	50	-	79	-	145	-
Total	2.032	4.176	2.764	5.713	3.126	6.686	3.542	7.623	3.562	7.721
Total de óbitos femininos e masculinos considerando apenas os principais grupos enfermidades	31.919									
Total de óbitos gerais incluindo todas as enfermidades	60.951									

Tabela elaborada pela autora.

* Considere F: Total de óbitos entre a população feminina e T: Total de óbitos incluindo a população masculina e feminina.

Em relação a estas enfermidades, constatei que a presença de tumores malignos ou câncer nos genitais femininos eram as principais causas de mortalidade feminina, representando 222 mortes dentre as 356 mortes por enfermidades ginecológicas. Sobre esse assunto, é possível citar a tese de doutoramento *Chorio-epithelioma* de Durval Bellegarde Marcondes (1924). Já os tumores não cancerosos (total de 11 mortes registradas na capital), ou então benignos, são abordados na tese *Tratamentos dos fibro-miomas uterinos* de Antônio Prudente Meirelles de Moraes (1928). Além desses assuntos, as salpingites (ou anexites), hemorragias e problemas ovarianos, que representavam uma parcela menor da mortalidade feminina em São Paulo, foram temas das teses de Moacyr Corte Brilho (*Da*

roentgentherapie na hypofunção ovariana: doses irritativas, 1923), José Vieira de Macedo (*Therapeutica de conservadora das annexites*, 1925) e Vicente Felix de Queiroz (*Metrophthia hemorrhagica ovariana*, 1925).

Em contrapartida, os problemas relacionados aos seios femininos como a presença de câncer, tumores e outras afecções que levavam as mulheres a óbito, não aparecem como eixos centrais de pesquisa das teses de fim de curso. A partir disso, verifiquei que os estudos desenvolvidos pelos médicos paulistas relacionados ao corpo feminino entre 1918 e 1930, se concentravam principalmente nos problemas relacionados ao útero, ovários e anexos. Sobre essa questão, Londa Schiebinger (2001) ressalta que, por muito tempo, os médicos e pesquisadores consideraram a “saúde da mulher” como um campo restrito à saúde reprodutiva feminina, ou seja, reduzindo a mulher aos seus órgãos reprodutivos. De acordo com a autora, os órgãos reprodutivos envolviam, além do útero e anexos, as mamas. Contudo, os dados que obtive ao consultar o banco de dados e os Anuários Estatísticos e Demográficos, revelam que, ao menos no contexto da medicina paulista no início do século XX, os seios femininos não despertavam o mesmo interesse do que o útero e seus anexos.

A relação estabelecida entre a mortalidade da população feminina e as teses de ginecologia produzidas na faculdade, ainda que pouco explorada na atual pesquisa, revela que alguns problemas relacionados à saúde da população feminina, por mais tenham representado aproximadamente 1,29% (356 de 27.687) dos óbitos referentes à esta parcela populacional na capital, estavam presentes também nos trabalhos acadêmicos, estabelecendo, portanto, um diálogo entre as pesquisas médicas e os problemas locais de saúde.

Considerações finais

Tendo em vista a importância da instalação de um curso médico público em São Paulo no início do século XX, tanto no sentido de atender as demandas da elite paulista pela formação de um corpo de profissionais especializados para ocupar os cargos nas novas instituições de saúde e sanitárias, bem como para demarcar o lugar da medicina paulista frente à medicina brasileira, me propus, por meio dessa pesquisa, a realizar um estudo sobre os primeiros anos de funcionamento da *Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*.

Dentre as 28 Cadeiras Médicas que compunham o curso, me atentei para a constituição da Clínica Ginecológica com o intuito de contribuir para com as pesquisas acerca da história da ginecologia no Brasil, tendo em vista a relevância dessa especialidade para os estudos no campo de

gênero e história das mulheres, por se tratar uma área de produção de conhecimentos acerca do corpo feminino.

A partir do levantamento de dados efetuado por meio do catálogo de teses da *Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (dedalus)* entre 1918 e 1930 e da consulta à bibliografia sobre o tema, foi possível verificar que essa instituição se conectava, por meio da circulação de seus agentes, às outras instituições de saúde e sanitárias de São Paulo. Além disso, ficou claro que a carreira como assistente ou docente na faculdade se mostrava como uma possibilidade para os médicos formados, tendo, alguns deles, permanecido nessa instituição. Contudo, a ocupação desses cargos não se mostrou uma possibilidade para as médicas formadas pela faculdade, uma vez que não há registros de mulheres ocupando tais cargos.

No que concerne à presença feminina no curso médico da faculdade, no decorrer dos 13 anos estudados, 9 médicas, de um total de 509 alunos, haviam se formado. Quando falamos sobre a presença feminina nas instituições de ensino e espaços científicos no início do século XX, temos que levar em consideração que esses espaços eram majoritariamente masculinos. O intuito desta pesquisa não foi o de aprofundar nas relações de gênero que se desenvolveram na *Faculdade de Medicina*, mas sim de apontar que, mesmo diante das dificuldades, algumas mulheres se formaram no curso médico., o que pode contribuir com futuras pesquisas sobre o tema.

Em relação à Cadeira de Clínica Ginecológica, o estudo me permitiu verificar a sua aproximação com as práticas cirúrgicas, o que pode ter derivado tanto do caráter intervencionista que a especialidade assumiu em algumas regiões, quanto da preferência dos catedráticos da área. Para finalizar, procurei estabelecer uma relação entre a produção discente da faculdade e os índices de mortalidade da capital paulista, o que me permitiu constatar que alguns problemas que afetavam a população feminina foram trabalhados pelos estudantes em suas dissertações. Essa relação, ainda que pouco explorada, se revelou um campo profícuo para futuras pesquisas.

No geral, considero que esse artigo possa contribuir com os estudos acerca da constituição de curso médico público em São Paulo, permitindo conhecer alguns aspectos dos primeiros anos de funcionamento dessa instituição de ensino e da especialidade ginecológica.

Referências bibliográficas

ANDREONI, W. R. **Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho**. São Paulo: Academia de Medicina de São Paulo [s.d.]. Disponível em: < <https://cutt.ly/ExegP0I> >. Acesso em: 16, mar., 2021.

BACCALÁ, L. (in memorian); et. al. (Org.). **As 100 turmas da faculdade de medicina da USP**. São Paulo: Associação dos antigos alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; CD.G Casa de Soluções e Editora, 2012.

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (AAAFMUSP). Disponível em: < <http://www.aaafmusp.org.br> >. Acesso em: 18, mar., 2021.

Begliomini, H. **Nicolau de Moraes Barros**. São Paulo: Academia de Medicina de São Paulo [s.d.]. Disponível em: < <https://cutt.ly/Txeg1ck> >. Acesso em: 16, mar., 2021.

CATÁLOGO da biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo/USP: Disponível em: < www.dedalus.usp.br >. Acesso em: 16, mar., 2021.

UNC UNIVERSITY LIBRARIES. **Coleção New York Academy of Medicine Collection of International Medical Theses, 1801-1981**. Disponível em: < <https://finding-aids.lib.unc.edu/HC0011/#d1e1792> >. Acesso em: 16, mar., 2021.

CORTE BRILHO, M. **Da röntentherapia na hypofunção ovariana (doses irritativas)**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1924.

FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO. **Memória histórica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2 de abril de 1913 – 2 de abril de 1938**. São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunais, 1938.

MACEDO, J. V. de. **Therapeutica de conservadora das annexites**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1924.

MARCONDES, D. B. **Chorio-epithelioma**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1924.

MARINHO, G. S. M. C.; MOTA, A. (Org.). Departamentos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: memórias e histórias. In: _____. **Trajectoria da Faculdade Medicina da Universidade São Paulo: aspectos históricos da “Casa Arnaldo”**. São Paulo: CD. G. Casa de Soluções e Editora, v.2, 2012.

- MARTINS, A. P. V. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Fiocruz (Coleção História e Saúde), 2004.
- MORAES, A. P. M. de. **Tratamentos dos fibro-miomas uterinos**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1924.
- MOTA, A. A Casa Arnaldo: Sobre a criação de uma Faculdade de Medicina. In: _____ **Tropeços da medicina bandeirante: medicina paulista entre 1892-1920**. São Paulo: Edusp, p. 167-220, 2005.
- OLIVEIRA, I. B.; SILVA, M. R. B. A atuação e presença das mulheres nas revistas médicas paulistas: 1898-1930. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-24, junho, 2018.
- QUEIROZ, V. F. de. **Metropathia hemorrhagica ovariana**. Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1924.
- REVISTA DE MEDICINA. Centro Acadêmico Oswaldo Cruz da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revistadc/index> >. Acesso em: 18, mar., 2021.
- ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2ed., (Coleção Antropologia & Saúde), 2009.
- SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** FIKER, R. (trad.). São Paulo: EDUSC, 2001. (Coleção Mulher).
- SILVA, M. R. B. **O laboratório e a república: saúde pública, ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo (1891-1933)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.
- VERZOLLA, B. L. P. **Medicina, saúde e educação: o discurso médico-eugênico nas teses doutorais da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo entre 1920 e 1939**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.